

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 45.

O DOMINGO.

MAANHÃO, 15 DE DEZEMBRO DE 1872.

O QUADRO DA IGREJA.

(ALFRED DE MUSSET).

(Vide n. 44.)

—«Homens, miseraveis creaturas, pensava eu —enquanto que, enrolando em meu capote a imagem terrivel, me afastava lentamente, foi vosso sopro envenenado que destruiu e annullou a obra d'esta creatura celeste. Derribaste-o, que-
rendo eleva-lo. Do trono radiante em que elle se assentava á direita de seu pae, vós o precipitastes na lama em que se debatem as sombras humanas. Como é que do mais precioso do metal tornou-se mais vil que o chumbo? milhares de anjos cahem dos plaios celestes; e com effeito, ó Christo! destruirão a tua obra.»

«A vida dos martyres arremessados ás chammas, tantos gemidos, tantas queixas, tantas lagrimas, tudo está perdido! Quem ousaria collocar a primeira pedra de outro edificio sobre as ruinas d'este? Tudo perdido para sempre!»

A superstição, essa velha cadêa que arrastava os povos após o carro dos soberanos, quebrou-se: O homem quer para guia as leis indestructi-

veis mais antigas que elle, lançadas ao mundo como gemenos divinos. E Christo, Christo! entretanto, que mão, depois de dispersar tuas obras, se atreverá a tocar-te?

Quem te arrancará a aureola de fogo comprada com a corôa de espinhos?

Quando, em pé, sobre os confins de dous seculos, repellindo os destroços do velho universo, tu regeneravas a face do mundo, pensaste jamais que um dia... O' celeste impostor! quando deixarem de chamar-te o primeiro dos deuses, que logar te guardarão entre os homens?»

Assim pensando fui para casa, porem o mesmo pensamento não cossou de perseguir-me.

Desconhecido!... murmurava a meu ouvido a voz harmoniosa... Quando tornei a ver a pintura, correrão-me as lagrimas, a pesar meu!

«O ser cuja razão se revoltou muitas vezes contra a superstição humana, chore sobre tua queda, ó Christo! que suas lagrimas se unão ás de tua mão aos pés da cruz sangrenta!

«Tua mãe!... Ella não quiz crêr em tua divindade; rejeitava o deus que a privava de seu filho. Não é o filho do carpinteiro José? dizia ella, eis ali seus irmãos... E entretanto tu caminhavas, tu calcavas a areia do mar; os pescadores seguião-te.

FOLHETIM DO DOMINGO.

O botão do collete.

(Tradução de A. A.)

(Vide o n. 44.)

—«O botão do meu collete? —perguntou o carreiro admirado.

—«Sim, meu amigo.

Walter Scott tomou a sua reliquia e cuidadosamente guardou-a na caixinha donde a havia tirado; depois disse a John Trimmer:

—«V. não me reconhece, meu amigo; mas em lembro-me perfeitamente de V., e talvez deva minha fortuna e meu successo ao roubo que lhe fiz.

—«Pois Vossa Honra roubou-me?...

—«Sim: esse botão que acaba de ver... Escute-me: ha cincoenta annos, pouco mais ou menos, tínhamos an-

hos sete a oito annos, e aprendiamos a ler, escrever e contar na mesma escola.

—«Em casa do reverendo Lewis, ponderou John, que começava a recordar-se.

—«Exactamente: V. era mais habil do que eu. Os meus estudos eram vão, as lições estavam-me a entrar na cabeça; ao passo que V. occupava sempre a primeira classe. Eu era muito invejoso e mais de uma vez V., com a sua capacidade, tirou-me o somno.

—«E depois?»

—«A sua memoria era impertubavel, e eu —debalde— procurava um meio para imital-o: seguia-o sempre nos seus actos, e afinal descobri-lhe um segredo que supuz ser-lhe favoravel. Quando V. recitava as suas lições, occupava os tres primeiros dedos, —pollegar, index e medio —em torcer o ultimo botão do seu collete; imaginei que o seu botão era fadado; julguei-o uma *varinha de condão* e era uma manhã —, antes de entrarmos para a aula,

«Quando paraste no cimo da montanha e viste que todo um povo te acompanhava, que palavras proferiste? A turba respondeu aclamando-te rei. Rei? pensaste, não; porém deus.

(Continua).

Augusto Gabriel.

Um baile.

(Vid. a III).

IV

Matar como era essa alheia.
N. Telesinus.

E! meia noite. Na varanda immensa
lauto banquete se apresenta agora;
e minha lyra, se lhe dão licença,
vae commental-o—sem haver demora.

Um vaso enorme de odorantes rosas
ali perfumes espargia—gratos—
que se casavam e'as—mais cheirosas—
puras essencias dos podins nos pratos.

N'um prato enorme um *janbon*—colosso
era dos pratos a mais linda flor;
tinha enroladas, a enfeitar-lhe o osso,
firas estreitas de papel de côr.

As compoteiras de crystal, repletas
de doce em cabla—bacury e limão—
bem mereciam dos senhores portas
cantos, idyllos, madrigaes. Pois não!

Xerez, Madeira, Muscatel, Bordeaux,
nada faltava no banquete,—nada:
arroz de forno, que na mesa entrou
como companha do festim.

eu tive a habilidade de furtal-o e guardal-o, sem que V. dêsse por tal. Começa a lieção, interrogam-n'o, V. levanta-se e debalde os seus tres dedos procuram o botão ausente; á principio, admirado, olha para o chão, como que para procural-o, depois balbucia; enfim—a lieção escapa lhe á memoria: chega a minha vez: as palavras vêm-me aos labios com uma admiravel facilidade, porto-me irreprehensivelmente, alcanço o primeiro logar, que nunca mais perdi. Faça ideia V. que poder natural fiquei á este botão: considerava-o um talismão; nunca mais o deixei a—ainda hoje—estou convencido de que devo-lhe os successos que obtive nos meus estudos. Mais tarde, comprehendendo que a falta de um botão não podia ser fatal ao seu adiantamento, foram-se alguns pequenos remorsos que eu experimentava; mas nem porisso desuadi-me do bem que me havia feito o seu botão. Até hoje, meu amigo, nada lhe disse, e, ainda que V. se tivesse esquecido do collega, nunca o perdi de vista...

Chogada

é a hora suspirada,
em que a gente convidada
vae comer á regalada,
do dono da casa á custa;
os candelabros—na banca
já um servente atravanea;
o frango frango a carranca
e o presunto se assusta,
vendo, em um momento qualquer;
victimal-os um talher.

.....

Começa a ceia. Os rapazes
vêm condusindo sens paros,
arranjando-lhes logares
estreitos, da mesa em torno;
um maneebo servical,
antes mesmo qu'algum peça,
a todos servir comoça
de perti e arroz de forno.

Do eniro lado:—*Senhor,*
um bocado de presunto?
—*Sim senhor. Oh! isso é muito!*
—*Qual muito, qual carapuça!*
Coma com pão... Que petisco!
beba um trago de xerez...
que não ouviu ella fez:
mas—agora—o dento aguçã.

—*Este presunto é divino!*
—*Não tanto como um olhar*
com que pôde escravisar
Vossa Excellencia...—*Senhor?*
—*Não ouviu? digo e direi:*
p'ra captivar, p'ra vencer,
basta, senhora, um olhar
desse olhar encantado!—

via-o pobre; porém acima da necessidade... hoje quero pagar o seu botão porque, dentro em alguns mezes, não terei diuheiro—talvez—para favel-o... aqui tem com guinéos.

Os dous amigos de infancia abraçaram-se e John Trimmer, deseioso de provar o seu reconhecimento, emprehendeu a cura de *Spice*, o cão favorito de Walter Scott, no que teve a felicidade de ser bem succedido.

Morreu o romancista cinco ou seis annos depois de ter feito esta reparação, que ha muito tempo meditava. Dizem que, logo que soube da morte do seu condiscipulo, John Trimmer correu a Abbotford e reclamou o botão do seu collete; mas a familia de Scott não quiz jámais separar-se desta reliquia, e o carreiro não tornou a ver o seu botão, esse botão magico, primeiro objecto sobre que se exerceu a sagueidade do hardo, do romancista e do historiador escossez.

Marc Perrin.

Assim um moço garboso
 á uma bella fallava,
 que — ali — soboreiava
 de presunto uma fatia;
 com a conversa zangada,
 pouca attenção lhe quiz dar.
 Continuava a fallar,
 enquanto a moça... comia.

Outro rapaz debruçou-se
 de servil-a com o pretexto
 e recitou-lhe este texto,
 que decor-do trazia:
 — *Vossa Excellencia é a rainha
 que venceu lá no salão,
 se eu fosse o rei, que vidão
 neste baile eu passaria!*

Outro diz á namorada:
 — *Eu o rei; mesmo na rua!
 se isto assim continúa,
 sahindo a roda dos rixos,
 me despeço da senhora,
 vou viajar... está dito;
 mas — antes disso — visito
 a freguesia de uns queijos!*

Nisto — um queijo que um rapaz
 cortar c'uma faca cega
 pretendia, eis qu'escorrega
 e rola na vasta mesa;
 um copo de vinho entorna,
 uma *capella* desmancha,
 que, ao cabir, foi pôr mancha
 n'um vestido de nebrisa.

.....
 Finda a esia, e os rapazes
 se apoderam dos destroços;
 dos frangos deixaram ossos,
 tudo mais á proporção;
 a velhice mysantropa
 busca um sitio onde transpire;
 e a dança readquire
 o seu furor — no salão.

A. A.
 (Continúa).

Todas ellas são assim.

Era eu hem pequenino,
 Inda andava de camisa,
 Quando amor gravou-me n'alma.
 Os lindos olhos de Nisa.

Como criança que eu era

(Antes tal eu nunca fosse)
 Tomando amor por brinquedo,
 Fui o comendo por doce.

Cómo o costume faz lei,
 Sempre estando eu a seu lado,
 Sem sentir, maciamente,
 Fiquei d'ella apaixonado.

Muitas vezes eu com ella
 Debaixo das laranjeiras
 Passava as sextas calmosas
 Brincando, fazendo asneiras...

Ora no prado correndo
 Apanhando borboletas,
 Ora colliendo entre as flores
 Cravos, rosa e violetas.

Assim passavão-se os dias
 Na mais gostosa união,
 Quando um caso não previsto
 Veio me dar uma lição.

Um seu primo, janotinha,
 Alferes de artilharia,
 Metten-se entre mim e ella,
 Desmontou-me a bateria! !..

E Nisa esquecendo as juras
 Como todas as ingratas,
 Me *chinguendo* de dilerios
 Me mandou plantar batatas.

Nisto não finda a comedia:
 Passado não era um mez,
 Foi para a côrte o peralta;
 Eis para Nisa um revez.

Para matar as saudades
 Do priminho então ausente
 Quiz ella ver se de novo
 Me filava, oh que innocente!!

Mas eu *macaco* fuorio,
 Espertalhão consummado,
 Fiz-me alheio ao tal joguete
 E me puz a bom roccado.*

Se das moças fujo agora
 E' porque, eis meu segredo:
 •O pobre gato escaldado
 •Té d'agua fria tem medo.

Ao dono de um...nariz.

M. G.

Desgraçado mortal, pois tu aguentas
tanto peso na cara? oh! tu supportas?...
Não parecem do inferno as negras portas
aquellas cabelladas, feias ventas?

Desgraçado mortal, porque não tentas
alguma opperação, á ver se cortas
metade do nariz que tu sustentas,
do trambolho immoral que mal transportas?...

Vae ver s'algum Galeno o beque apraz;
antes na cara ter a cicatriz,
do que na cara ter cousa tão rara!

Quando esse tronco vejo sem raiz,
não sei se o teu nariz pertence á cara,
ou se a cara pertence ao teu nariz!...

A. A.

CHRONICA.

Decididamente dou parte de fraco: peço a minha demissão... e retiro-me airoso do cargo, ao desempenho do qual me propuz e por causa do qual sujeito-me á mais ridicula decepção; como agora succede.

Nunca vi semana mais *chue*: olho para o curto passado semanal e o que vejo é apenas uma procissão, igual a todas as procissões na nossa terra. Um immenso prestito, aberto por um encapotado que sustenta um pendão, em cujas borlas pegam dous ditos; um grande numero dos mesmos (encapotados), munido cada um de uma tocha, arindo uma vasta fileira, cujo centro é preenchido pelos enfialhados anjinhos, a maior parte dos quaes segura a ponta de um lenço, dobrado como em pescoço de comadre, segurando a outra ponta um sujeito, com seu jaleco de ver a Deus, ou uma sujeita, com o seu enorme pente de tartaruga, ou o menino que traz o chapéu de pello encafiado na bengala, que levanta tres palmos e meio acima da cabeça, como para mostrar ao respeitavel publico, na figura do chapéu de pello — o prenuncio de uma idade mais livre; seguindo-se depois os padres, depois o andar, depois o povo e as authoridades, depois o palio, depois o quinto batalhão, depois o povo ainda, fechando sempre o prestito — os leões da moda, com seus

charutos nos queixos, cumprimentando as meninas bonitas, rindo-se das feias e etc.—etc.

E a não ser a procissão de N. S. da Conceição, que se effectuou — pela forma descripta —, domingo passado, começando com sermão, acabando com descargas, eu provoço os amabilissimos leitores a que me apresentem assumpto para uma chronica.

Não ha nada: a bomba de extinguir incendios dorme, ha muitos mezes, no Arsenal o — somno da innocencia; a partes de policia são despidas de interesse: não ha uma facada ou um ronho de mulher; as cornetas do quartel e da cadeia não tocam á rebate, annunciando fuga de presos; os *bonds* não descarrilham, occasionando um ataque ou uma queda... nada!

A fallar em *bonds*, a linha de S. Pantaleão foi... Ora! isto já é velho! quem é que não sabe que a linha de S. Pantaleão... Ora! ora! ora!

Repito: não ha absolutamente nada de novo, a não ser a *saíde* do Sr. Neves, que ha de ter logar a noite, e para a qual vou preparar-me, folgando muito em encontrar lá alguns dos meus estimaveis leitores.

Tivemos occasião de ver e apreciar algumas photographias do Sr. Henrique Neves, do systema *Crozart*, o mais moderno e o mais elegante tambem. Recommendando ao publico o photographo brasileiro, damos á este os nossos parabens, pois os retratos que tenho visto, vindos da Europa, não excedem aos seus em perfeição.

Ah! esquecia-me uma cousa; mas não vem sem tempo:

Por parte do — unico — redactor deste jornal, o Sr. A. Azevedo, declaro ao respeitavel publico que é falso o que anda por toda a parte dizendo o individuo que, nos folhetins da *Brisa*, tomou o pseudo *Ralph*: diz elle que uma *comissão da redacção do — Domingo —* foi pedir-lhe troços, deixando de publicar o seu folhetim. O pedido, e não — os *numerosos pedidos* — como diz um artigo de fundo da *Brisa*, partio de uma só pessoa, inteiramente exiranha a redacção do *Domingo*, pois nem assignante é; e essa mesma pessoa identico pedido fez ao Sr. Azevedo, por isso que agora promette não envolver-se mais com os negocios da *Brisa*, nem aceitar artigo algum contra ella, embora provocado.

Vem a proposito agora um ditado popular — indecente, porém verdadeiro.

Eloy, o herói.